



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III
CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JADCELANE THAÍS MARQUES DOS SANTOS

**ALCOÓLICOS ANÔNIMOS: práticas formativas de uma educação para a
sobriedade**

JUAZEIRO-BA

2024

JADCELANE THAÍS MARQUES DOS SANTOS

**ALCOÓLICOS ANÔNIMOS: práticas formativas de uma educação para a
sobriedade**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas - Campus III, como pré-requisito básico para Conclusão do Curso de Pedagogia, na disciplina TCCII, sob a orientação do professor Dr. Josemar da Silva Martins (Pinzoh)

JUAZEIRO-BA

2024

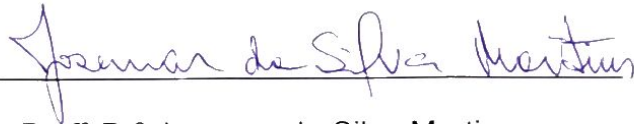
JADCELANE THAÍS MARQUES DOS SANTOS

**ALCOÓLICOS ANÔNIMOS: práticas formativas de uma
educação para a sobriedade**

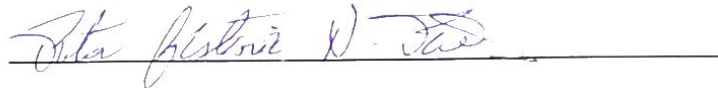
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso
de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia -
Campus III, para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

DATA DA APRESENTAÇÃO: 09/01/2025

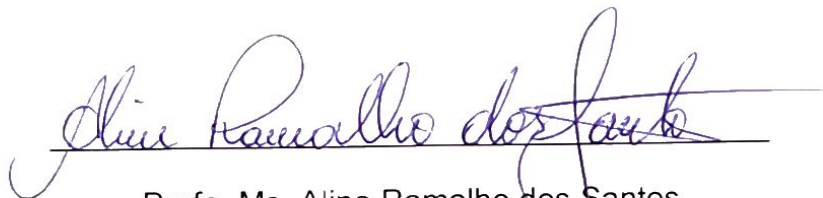
BANCA EXAMINADORA



Profº Drº Josemar da Silva Martins
Orientador/UNEB



Profa. Ms. Rita Cristina Novaes Rios
Avaliadora Interna/UNEB



Profa. Ms. Aline Ramalho dos Santos
Avaliadora Interna/UNEB

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

Práticas formativas de uma educação para a sobriedade

Jadcelane Thaís Marques dos Santos

RESUMO

O artigo Alcoólicos Anônimos: práticas formativas de uma educação para a sobriedade é resultado de uma pesquisa qualitativa de perspectiva fenomenológica, desenvolvida no contexto do Estágio Supervisionado IV. O estudo teve como objetivo geral investigar a dinâmica de trabalho dos grupos de apoio do AA enquanto prática formativa eficaz. A pesquisa buscou responder à seguinte questão: Como a dinâmica de trabalho da educação não formal do AA resulta em uma práxis pedagógica de educação para a sobriedade? Os resultados mostram que o AA promove uma conscientização coletiva e individual, baseada nos 12 passos, que integra reflexão crítica e transformação pessoal. Textos reflexivos e narrativas compartilhadas fortalecem o senso de pertencimento e incentivam uma mudança consciente de comportamento.

Palavra-chave: Educação não formal; Práxis pedagógica; Alcoólicos anônimos.

ABSTRACT

The article Alcoholics Anonymous: formative practices of an education for sobriety is the result of a qualitative phenomenological research, developed in the context of the Supervised Internship IV. The study aimed to investigate the dynamics of AA support groups as an effective formative practice. The research sought to answer the following question: How does the dynamics of AA's non-formal education result in a pedagogical praxis of education for sobriety? The results show that AA promotes a collective and individual awareness, based on the 12 steps, which integrates critical reflection and personal transformation. Reflective texts and shared narratives strengthen the sense of belonging and encourage a conscious change in behavior.

Keywords: Non-formal education; Pedagogical praxis; Alcoholics Anonymous.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa que deu origem a esse artigo foi realizada durante o estágio supervisionado IV, ministrada pela Profa. Ms. Rita Cristina Novaes Rios. Compreendeu um processo de

observação em um espaço de educação não formal do Alcoólicos Anônimos, em Juazeiro-BA, durante as reuniões dos grupos de apoio Esperança, Renascer e Viver Sóbrio. Teve como objetivo geral investigar a dinâmica de trabalho dos grupos de apoio do AA enquanto prática formativa eficaz.

A discussão inicial que justificou e embasou essa experiência, enquanto componente curricular de formação, compreendeu o estágio supervisionado como campo de pesquisa da prática pedagógica, conforme delineado por Pimenta e Lima (2005/2006), o *lócus* em questão dialoga com o Núcleo de Aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos, do curso de Pedagogia, quanto aos sujeitos e o estudo das diferentes realidades, compreendendo um campo propositivo de investigação e aprendizagem na formação docente.

Desse modo, considerando a complexidade da prática pedagógica, a necessidade de uma formação globalizante se apresenta tanto como desafio quanto como campo de possibilidades, em que é possível desenvolver uma postura investigativa capaz de proporcionar arcabouço e ferramentas à formação na área de educação.

Nesse sentido, durante as atividades do componente curricular, os estagiários acompanharam as reuniões de recuperação dos grupos de apoio Renascer, Viver Sóbrio e Esperança, observando e buscando se apropriar das abordagens do grupo AA quanto à organização, suas práticas e ações formativas, que visam a recuperação e a sobriedade de seus integrantes, a partir dos princípios de recuperação, unidade e serviço.

A pesquisa foi fundamentada a partir dos teóricos como Freire (1987), Gohn (2016) e Ventura (2008), de perspectiva fenomenológica, abordagem qualitativa e utilizando os métodos de pesquisa bibliográfica, observação participante e entrevista narrativa, tomando como problemática a seguinte indagação: Como a dinâmica de trabalho da educação não formal do AA resulta em uma práxis pedagógica de educação para a sobriedade?

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Breve história do AA e sua epistemologia: educação para a sobriedade

O Alcoólicos Anônimos (AA) é uma irmandade mundial sem fins lucrativos que foi fundada em 10 de junho de 1935, em Akron, Ohio, Estados Unidos. Seus fundadores Bill Wilson (Bill W.) e Dr. Robert Smith (Dr. Bob), que eram alcoólatras em recuperação,

desenvolveram o programa baseado na ideia de que a sobriedade poderia ser alcançada através do apoio mútuo e da partilha de experiências.

A finalidade principal do AA é a busca pela sobriedade e a recuperação, proporcionando um ambiente de apoio e compreensão para pessoas que desejam superar o alcoolismo. O trabalho de recuperação é baseado em um programa de 12 passos, que envolve admitir o problema, buscar ajuda, fazer uma busca pessoal, aceitar falhas, fazer reparações quando possível e ajudar outros alcoólicos a alcançar a sobriedade. A organização é conhecida por sua abordagem anônima, onde os membros não revelam suas identidades fora do grupo, criando um ambiente de confiança. O AA tornou-se um modelo para muitos outros programas de recuperação baseados em 12 passos que tratam de várias dependências e transtornos comportamentais.

Epistemologicamente o trabalho conjunto do AA parte dos pilares: Recuperação, Unidade, Serviço, presentes na bandeira da irmandade, na busca por uma educação para a sobriedade. Em uma literatura própria do AA, o livro Azul, como é chamado, há toda a história da irmandade, sua fundação, a experiência de Bill Wilson e Dr Bob Smith, os fundadores, traz o programa de 12 passos e o modo como funciona o AA e os pilares que o estruturam. Os três pilares são também chamados de “os três legados da irmandade”. A Recuperação constitui o primeiro legado (ou pilar) e objetivo principal pelo qual o grupo trabalha. A Unidade é o segundo legado, é onde reside a força e sucesso da comunidade, o trabalho conjunto de ajuda mútua. O Serviço é o terceiro legado e se constitui em toda ação desenvolvida que ajude a alcançar alguém que esteja sofrendo com o alcoolismo. Conforme o livro azul de AA, o preâmbulo traz em sua mensagem de forma implícita os três pilares, e este é lido a cada início de reunião de todos os grupos de apoio.

Alcoólicos Anônimos é uma comunidade de homens e mulheres que partilham entre si a sua experiência, força e esperança para resolverem o seu problema comum e ajudarem outros a se recuperarem do alcoolismo. O único requisito para ser membro é o desejo de parar de beber. Para ser membro de AA não é necessário pagar taxas de admissão nem quotas. Somos autossuficientes pelas nossas próprias contribuições. AA não está ligado a nenhuma seita, religião, instituição política ou organização: não se envolve em qualquer controvérsia, não subscreve nem combate qualquer causa. O nosso propósito primordial é mantermo-nos sóbrios e ajudar outros Alcoólicos a alcançar a sobriedade (Alcoólicos Anônimos, 2001, p. 4).

2.2 O conceito de práxis pedagógica e o AA: caminhos conexos

A pesquisa trabalhou com o termo práticas formativas, no sentido de *práxis*, partindo do conceito de Freire (1987), de uma prática educativa baseada na ação reflexiva para a

transformação da realidade pelos sujeitos da educação. Apropria-se desse termo para nomear as ações desenvolvidas na educação não formal no contexto do AA, ações essas que concretizam os objetivos da irmandade voltados à recuperação de seus membros, fortalecendo vínculos de solidariedade e promovendo mudanças tanto individuais quanto coletivas.

A práxis freireana, fundada em concepções antropológicas, sociológicas e filosóficas, delineia um pensamento pedagógico que considera os seres humanos como seres históricos e culturais, que aprendem em comunhão nas relações que estabelecem no mundo, com o mundo e com os outros. Nesta perspectiva, o conhecimento se desenvolve na ação-reflexão-ação daqueles e daquelas que exercitam a palavra, compreendendo, agindo e transformando suas realidades, buscando saber mais e construindo novos conhecimentos por meio da intercomunicação. (Freire, 1992 apud Paula, 2017, p.58- p.59).

Dessa forma, a práxis, segundo Freire, configura-se como um processo dialético entre ação e reflexão, no qual o sujeito, ao atuar sobre o mundo, transforma-se e compreende criticamente sua realidade. Essa práxis se diferencia de uma prática isolada ou mecânica, pois pressupõe uma ação intencional e consciente, orientada pela reflexão crítica e pela transformação social. Para Freire, o ato de educar implica a construção de um diálogo autêntico entre educador e educando, em que ambos são sujeitos do conhecimento. Nas palavras do autor: “A tendência, então, do educador-educando como dos educandos-educadores é estabelecerem uma forma autêntica de pensar e atuar. Pensar-se a si mesmos e ao mundo, simultaneamente, sem dicotomizar este pensar da ação” (Freire, 1987, p.82)

No contexto dos grupos de apoio do AA, embora não haja papéis fixos de educador e educando, pode-se traçar paralelos com a práxis pedagógica freireana. A figura do padrinho ou madrinha assume uma função orientadora, semelhante ao educador de que fala Freire. Esse papel, entretanto, não é exercido de forma autoritária, mas por meio do compartilhamento de vivências e da facilitação do entendimento dos princípios do AA à luz das experiências do afilhado. O afilhado, por sua vez, atua como um educando ao engajar-se ativamente em seu processo de recuperação, aprendendo tanto com o padrinho quanto com o coletivo.

Nesse contexto de educação não formal, o "outro" – seja o padrinho, um companheiro do grupo ou a coletividade – desempenha um papel central como educador, reforçando a afirmação de que “na não-formal, o grande educador é o ‘outro’, aquele com quem interagimos ou nos integramos” (Gohn, 2006, p. 29). Essa interação possibilita um aprendizado mútuo, fundamentado na troca de experiências e no diálogo, elementos essenciais tanto para o fortalecimento do grupo quanto para o progresso individual de seus membros.

O Alcoólicos Anônimos (AA) foi fundado em 1935, a partir da experiência de dois alcoólicos que, diante da falta de alternativas mais eficientes para lidar com o vício, desenvolveram uma estrutura organizacional e um conjunto de passos voltados à busca pela sobriedade. Posteriormente, em 1967, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu o alcoolismo como uma doença crônica associada ao consumo de álcool, caracterizada pela ausência de uma cura medicamentosa. O tratamento recomendado baseia-se na abstinência do álcool e na reeducação comportamental como estratégias para evitar recaídas.(Costa, 2019)

O AA, ao ser criado por alcoólicos para alcoólicos, exemplifica uma práxis que une ação e reflexão em um contexto de vulnerabilidade social. Além de promover a recuperação individual, sua prática desafia lacunas institucionais e propõe uma forma de resistência coletiva baseada na solidariedade e no apoio mútuo. Assim, o AA demonstra como uma práxis baseada na reflexão e na ação comunitária pode transformar vidas, ressoando com os princípios freireanos, mas adaptando-os às necessidades e experiências de seus membros.

2.3 Educação não formal

O processo pedagógico comporta proposições, atividades e ferramentas diversificadas que não necessariamente devem limitar-se ao espaço escolar, o ato formativo se caracteriza como um aspecto multifacetado e amplo.

Nesse sentido, buscando defini-la pelo que ela é, dado o debate que se estende ao longo dos anos, por definição, o conceito de educação não formal em oposição a educação formal, Gohn (2016, p. 60) aponta que “[...] a educação não formal é aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente por intermédio de espaços e ações coletivas cotidianas”. Dessa forma, a autora a define como aquelas atividades educativas que ocorrem fora das instituições de ensino tradicionais, mas que têm objetivos pedagógicos claros.

Como um processo educativo abrangente, esta educação oferece oportunidades de aprendizado mais flexíveis, contextualizadas devido às suas especificidades e lógicas de funcionamento próprio.

A educação não formal não tem o caráter formal dos processos escolares, normatizados por instituições superiores oficiais e certificadoras de titularidades. Difere da educação formal porque esta última possui uma legislação nacional que normatiza critérios e procedimentos específicos. A educação não formal lida com outra lógica nas categorias espaço e tempo, pelo fato de não ter um curriculum

definido a priori, quanto a conteúdos, temas ou habilidades a serem trabalhadas. (Gohn, 2016, p.60)

Nesse sentido, fazendo um paralelo com as práticas e estrutura do AA, fica evidente a correlação do conceito educação não formal com os resultados alcançados pelo programa, é possível perceber o impacto da proposta na vida de seus membros, o aspecto expressivo da abordagem contextualizada, conduzindo de fato cada integrante a “aprender no ‘munda da vida’” (Gohn, 2016, p. 60).

3. METODOLOGIA

A pesquisa que deu origem a esse artigo foi realizada durante o estágio supervisionado IV em um espaço de educação não formal, o Alcoólicos Anônimos em Juazeiro-BA, mediante a observação das reuniões dos grupos de apoio Renascer, Viver Sóbrio e Esperança. Teve por objetivo, investigar a dinâmica de trabalho da educação não formal do AA, enquanto prática formativa eficaz, focando em seus métodos, organização e embasamento conceitual.

O estudo iniciou-se com um primeiro contato estabelecido pela professora Ms. Rita Rios, que convidou um dos integrantes do AA para falar sobre o trabalho desenvolvido pela irmandade a um grupo de alunos estagiários. A partir de então, foram organizadas visitas coletivas dos discentes de forma semanal e alternada no intuito de realizar as observações.

O lócus da pesquisa compreendeu um espaço de salas cedidas pela paróquia da cidade de Juazeiro, BA, para a realização das reuniões dos grupos de apoio supracitados. Estas ficam localizadas em diferentes pontos, o Grupo Renascer, reúne-se na Avenida Flaviano Guimarães, no bairro Cajueiro; o Grupo Viver Sóbrio concentra-se na Rua Raul de Queirós, no Alagadiço; e o Grupo Esperança, na Rua Visconde do Rio Branco, no Centro de Juazeiro - BA.

Quanto à estrutura, a presente pesquisa foi fundamentada a partir dos estudos de Freire (1987), Gohn (2016) e Ventura (2008), de perspectiva fenomenológica e abordagem qualitativa. Os métodos investigativos partiram de uma pesquisa bibliográfica, observação participante e entrevista narrativa, com foco na seguinte problemática: Como a dinâmica de trabalho da educação não formal dos grupos de apoio de AA resulta em uma práxis pedagógica de educação para a sobriedade?

3.1 Métodos da pesquisa

Com abordagem qualitativa, os primeiros passos da pesquisa foram norteados pela necessidade de conhecer o lócus, tomando como procedimento, a observação participante e o uso da ferramenta do *diário de campo* para fazer os registros e tecer as considerações.

Em sequência, foram realizadas entrevistas narrativas com os membros coordenadores de mesa dos três grupos de apoio. O público nessa etapa, correspondeu ao todo a 04 colaboradores diretos.

Durante todo o processo, foram realizados estudos bibliográficos a partir de conceitos norteadores como: práxis pedagógica e educação não formal. A abordagem teórica e metodológica adotada partiu da perspectiva fenomenológica, que agrega ao estudo a percepção da importância da realidade do sujeito e suas experiências.

Segundo Moreira (2002), “A fenomenologia é uma ciência cujo propósito é descrever fenômenos particulares, ou a aparência das coisas como experiência vivida. A experiência vivida do ‘mundo da vida’ de todo dia é o foco central da investigação fenomenológica” (Moreira, 2002, p.67 grifo do autor).

Quanto ao procedimento da entrevista narrativa, a escolha partiu da necessidade de deixar os colaboradores e suas histórias pessoais no contexto do AA, em evidência, sem grandes interrupções, entendendo-os como protagonistas de suas narrativas e, por conseguinte, deste estudo. Na prática, a narrativa é conduzida pelo próprio sujeito e o pesquisador assume o papel de estimulador, no intuito de se aprofundar no contexto e objeto a partir da fala do participante.

3.2 Análise dos resultados

A análise dos resultados se deu a partir da associação entre as narrativas dos colaboradores e os conceitos norteadores do trabalho práxis pedagógica e educação não formal, pontuando as conexões pertinentes no estudo da realidade pesquisada. Em um processo de idas e vindas entre os dados e o arcabouço teórico norteador.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 A estrutura do AA e o perfil dos participantes

Com 89 anos desde sua fundação e há 41 anos presente em Juazeiro-BA, essa comunidade se destaca por seus princípios e práticas em prol da recuperação e sobriedade. E ao longo desse tempo foi aprimorando o seu funcionamento e expandindo, formando assim novos grupos de apoio.

Ao adentrar o universo do AA, os 12 conceitos chamam atenção, uma espécie de estatuto que molda os alicerces dessa fraternidade, e/ou como os diferentes órgãos/comitês devem atuar para se relacionar. Esses conceitos delineiam os valores fundamentais da comunidade Alcoólicos Anônimos. As 12 tradições, por sua vez, representam os valores que orientam os membros no grupo e em suas vidas, constituindo pilares essenciais na busca e manutenção da sobriedade.

Os 12 passos, ou como um dos integrantes expressou, a "ferramenta" que guia os integrantes na jornada de autoconhecimento e superação, "O estudo do roteiro dos Doze Passos é conhecido como uma abordagem evolucionária e multidisciplinar e que traz em seu bojo uma abordagem humanista com intervenção psicológica e educativa" (Costa, 2019, p. 474). Esse roteiro é acompanhado de perto por um padrinho, figura importante que oferece suporte e orientação aos recém-chegados, solidificando a cultura de apoio e comunidade que caracteriza essa irmandade.

Os integrantes podem participar como ouvintes, podem partilhar suas experiências, bem como prestar serviços ao AA, estes serviços vão desde organizar a sala, fazer o cafezinho que é servido nos intervalos das reuniões, lavar o banheiro que é utilizado pelo grupo, ser padrinho/madrinha, dando suporte aos recém-chegados, na coordenação de mesa, mediando as reuniões e escolhendo os textos a serem trabalhados a partir do que é exposto pelos integrantes, bem como, participar de eventos promovidos pelo AA em nome dos grupos de apoio.

Os 12 conceitos podem ser entendidos como o estatuto do AA, neles estão presentes ao que o grupo se destina, o que os define enquanto AA. Buscando ao máximo não deixar brechas para que o grupo seja sequestrado para outros fins, de ganhos individuais ou usado para reforçar posicionamentos, qualquer tipo de ideia que não esteja centrada na recuperação coletiva de seus membros.

As 12 tradições podem ser entendidas em como as práticas são pensadas e executadas ao longo desses 89 anos, a postura que se deve ter ao se tornar membro do AA. Os 12 Passos, orientados pelos conceitos e tradições, são a ferramenta dos integrantes em busca da sobriedade para uma arqueologia de si.

Quanto ao perfil dos participantes, foi realizado um processo de observação e coleta de dados a partir de conversas e durante a exposição narrativa coletiva. Os membros de AA costumam apresentar diferentes perfis quanto a aspectos socioeconômicos, faixa etária e escolaridade, compreendendo um público diverso, sendo os grupos observados compostos por 20 membros, destes, 19 são homens com faixa etária que varia de 30 a 71 anos, e 1 mulher com 65 anos de idade.

No quesito socioeconômico, os integrantes desempenham papel social variado, são profissionais como: servidores públicos, trabalhadores autônomos, aposentados e trabalhadores do comércio.

4.2 Condução da pesquisa

A primeira reunião acompanhada para dar início às observações foi no Grupo Renascer na segunda-feira 18/09/2023, às 20:00. Antes de começar as atividades, foi dada a oportunidade aos estagiários de conversar um pouco com alguns dos integrantes sobre as perspectivas pessoais deles a respeito do AA. Em uma conversa informal, os estagiários foram apresentados a uma iniciativa de trabalho que busca uma reconstrução do comportamento a partir de uma mudança global, que visa desde parar com a bebida até melhorar outros aspectos da vida dos integrantes.

Foi explicada também a estrutura e como se organizam as reuniões. À mesa fica um coordenador que orienta o roteiro a ser seguido com: a declaração de responsabilidade; o estatuto do AA (preâmbulo do Livro Azul); a oração da serenidade; e a leitura de uma reflexão do livro de publicação própria do AA. Em seguida, é aberto para que os integrantes compartilhem à cabeceira de mesa os seus relatos, cada um deles tem 10 minutos para partilhar com o grupo o que quiserem a respeito de como estão se sentindo, em que passo estão, suas dificuldades e o que têm feito, sempre com base na busca pela sobriedade.

As práticas desenvolvidas seguem todo um rito, tem uma formalidade que funciona, como uma máquina bem oleada que não range. As reuniões começam pontualmente, os integrantes costumam chegar uns minutos antes para distribuírem as cadeiras e organizarem o local, e há uma atmosfera de afabilidade entre eles. Na sequência, tem-se o roteiro apresentado acima. Quando o coordenador de mesa diz que a cabeceira de mesa está livre para quem quiser compartilhar, os ouvintes incentivam uns aos outros e quando vão à frente usam exatamente o tempo estipulado porque monitoram no relógio, quando veem que vão

passar um pouco pedem desculpas por extrapolar os 10 minutos. Não há interrupções nas falas, não há conversas paralelas, não há celulares.

Essa dinâmica tornou-se a repetir na segunda reunião, com o grupo de apoio Viver Sóbrio, com algumas variações pontuais quando da participação do coordenador de mesa. Antes que as reuniões começassem, nos três grupos observados, os estudantes de pedagogia puderam ser apresentados sob a condição de visitante, também houve uma orientação quanto à partilha das histórias e um ponto comum em cada uma delas foi o papel do AA na recuperação daqueles que ali estavam.

Cada grupo de apoio tem autonomia para desenvolver a sua própria dinâmica, no entanto, há pouca variação entre elas, o que muda um pouco são os participantes, considerando que as reuniões são realizadas em diferentes bairros da cidade.

As questões éticas de estar nos espaços de AA são abordadas a cada reunião, desde a confidencialidade das informações compartilhadas durante as reuniões, para garantir um ambiente seguro aos que vão compartilhar as suas experiências, quanto ao anonimato do AA, segundo a 12ª tradição: “O anonimato é o alicerce espiritual das nossas Tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades”. Tal premissa é entendida por alguns membros como um modo que visa proteger a integridade e reputação da entidade, quanto à sua seriedade na busca pela sobriedade. Como membros em constante recuperação, entendem que são passíveis de recaídas e um representante nesse cenário poderia fragilizar a imagem do AA (Vivência, 2012, p.1).

As salas de AA são analógicas, a maioria dos seus integrantes usam relógios, inclusive cada integrante acompanha seu tempo de fala por grandes relógios de ponteiros que tem em cada uma das salas de reuniões. Tem o intervalo para o cafezinho, e ainda assim ninguém fala alto demais. Há um modo de falar, uma forma de estar e uma etiqueta que facilita a escuta. De alguma forma o tempo parece passar diferente nessas salas, mais tranquilo.

4.3 Análise pedagógica

Há ali um espaço de confiança, dialógico e de profundo respeito entre os seus membros, nas palavras de Freire (1987, p. 72), “Se a fé nos homens é um dado *a priori* do diálogo, a confiança se instaura com ele”. As reuniões enquanto prática formativa tem um ar de saber experimentado, aprimorado e que promove reflexão nos seus membros e nos observadores, esses aspectos podem ser observados na dinâmica das reuniões de recuperação,

que independente do grupo possuem um rito bem estabelecido: estatuto de responsabilidade, oração da serenidade, leitura do preâmbulo do livro de AA, leituras para reflexão intercalando o compartilhamento à cabeceira de mesa.

Embora tenham um caráter reflexivo em suas ações, os grupos de um modo geral funcionam com bastante disciplina, tendo os 36 princípios – conceitos, tradições e passos – como doutrina dos seus membros que adotam dentro e fora dos espaços de AA.

[...] as 12 tradições dizem respeito à vida da própria Irmandade, delineia os meios pelos quais AA tem sua unidade, sua forma de viver e desenvolvesse. Então a primeira nos diz que o nosso bem estar comum deve estar em primeiro lugar, nós temos que fazer de tudo para o nosso bem estar comum, entendeu. Então é o que está lá. Esses princípios, eles é que norteiam a nossa condição nova de vida e a gente precisa estar muito atento a isso, só que AA não tem nenhuma obrigação, dizer assim você tem que fazer isso, você tem que perceber a necessidade de fazer alguma coisa desse tipo, fazendo essa mudança que é necessário na sua vida (J.R, membro de AA).

Há um profundo comprometimento dos membros com as reuniões que participam. Nas palavras de um coordenador de mesa entrevistado quando questionado sobre o seu papel nas reuniões.

Então com o coordenador a frente de uma reunião, no caso eu aqui, a reunião como você vai assistir, que vai presenciar ela é uma reunião toda sobre o mais alto controle e o mais importante é que aqui na Irmandade de Alcoólicos Anônimos, não só nesse grupo, mas em qualquer outro grupo, você não vê baderna, você não vê desordem, você não vê arrastar de cadeiras, você não vê duas pessoas falando ao mesmo tempo porque o coordenador ele tem um respeito dos demais membros que estão como assistentes da reunião (J, membro de AA).

O viés da educação formal costuma sempre mediar a observação dos agentes educativos em busca das características pedagógicas das práticas, dificultando a percepção da estrutura, a intencionalidade e a ação formativa presente em organizações que não se insiram no perfil escolarizado.

Nos grupos observados todas as atividades se dão via reunião, cada uma delas tem um propósito específico e segue um rito, são elas: (a) *reunião de serviço*, onde são discutidas as questões administrativas do grupo, nela participam os membros que prestam serviço e estão em algum encargo, nessas reuniões só os membros que estão incumbidos de algum serviço podem sugerir e votar mudanças/ações no grupo de apoio do qual fazem parte; (b) *reuniões de recuperação*, que são abertas a todos, a alcoólicos e visitantes, são mediadas pelo coordenador de mesa, que segue o rito e abre a cabeceira de mesa para a partilha dos depoimentos de seus membros, nesta reunião o espaço para fala é apenas dos membros, tem duração de 2h com intervalo de 10 minutos; (c) *reunião de informação ao público*, acontece quando um membro

ou mais se deslocam a outros espaços para divulgar o trabalho que desenvolvem, esse tipo de reunião atende ao 12º passo, que é o de levar a mensagem de AA ao alcoólico que ainda sofre.

Ao longo da pesquisa foram observadas reuniões de recuperação e reuniões de informação ao público.

A forma como o AA trabalha e os princípios em que se baseia, conceitos e tradições, mostram quase em sua integridade o que apresenta Luck (1997) a respeito da gestão educacional que tem um caráter dinâmico e mobilizador do talento humano.

É central na atividade dos grupos, a disciplina, a ordem, as decisões conscientes e esclarecidas dos seus membros, na participação responsável de prestação de serviços, seja fazendo parte do Comitê Trabalhando com os Outros – CTO (o AA se organiza em comitês e grupos de serviços, o CTO é um dos 12 comitês que fazem parte da estrutura administrativa de AA, no entanto, não há hierarquia), na coordenação de mesa, no apadrinhamento, na tesouraria, bem como na participação individual de seus integrantes durante as reuniões, visando o compromisso coletivo destes com os resultados, neste caso, as 24 horas de sobriedade. Como ressalta um dos coordenadores, ao ser questionado sobre o impacto de prestar o serviço na sua recuperação:

O encargo de coordenador assim como qualquer outro encargo que somos eleitos ou escolhidos para exercer em um grupo de AA. O impacto maior dele é nos fazer crescer na programação, porque a programação de AA é uma programação assim, progressiva, é uma programação assim infinita, ninguém por mais tempo que passe em Alcoólico Anônimos se torna auto-suficiente. Tem sempre muitas coisas a aprender e a gente aprende sempre com o frequentar as reuniões, nós aqui costumamos dizer que o segredo de AA está na próxima reunião, porque na próxima reunião com certeza a gente vai aprender um pouco mais, a gente vai ter uma surpresa diferente e tudo isso impacta no nosso aprendizado, tudo isso nos torna melhores, nos torna maiores na programação (J. membro de AA).

Toda a dinâmica do AA coloca seus integrantes como sujeitos ativos de sua mudança e aprendizagem. Reconhecendo a importância do trabalho coletivo, o AA promove uma conscientização que vai além do indivíduo, ajudando seus membros a se manterem conscientes de sua evolução pessoal e coletiva. Os textos de reflexão, utilizados nas reuniões, são escolhidos pelo coordenador da mesa com uma intencionalidade clara: alinhar as reflexões do grupo às vivências dos próprios integrantes, refletindo desafios e soluções compartilhadas no caminho da sobriedade. Essas narrativas, muitas vezes autobiográficas, formam uma autobiografia coletiva que incorpora os 12 passos e reforça a identidade do grupo .

As práticas educativas ali desenvolvidas buscam não apenas uma reflexão crítica, mas uma transformação consciente que resulta em sobriedade e em uma postura renovada diante

da vida. Nesse sentido, o AA também contribui para a reintegração social de indivíduos em situações de vulnerabilidade, fortalecendo o senso de pertencimento e a sociabilidade por meio do acolhimento e do serviço mútuo (Pereira, 2019).

Os membros são incentivados a refletir criticamente sobre sua condição de dependência, suas escolhas de vida e os impactos de suas ações. Os 12 passos estruturam essa reflexão. Na fala de um dos membros do AA, fica explícita a importância desse reconhecimento e da tomada de consciência na busca da recuperação, ele explicou apontando para o 1º passo no banner numa das paredes da sala de reunião: “Admitimos que éramos impotentes perante o álcool – que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.”

Esse é o primeiro porque não tem como resolver se você não admite que tem um problema, às vezes a família não admite que tem um filho, um irmão alcoólatra, daí oferece bebida, e você até se controla em beber uma vez, duas, na terceira bebe até perder a memória. Daí quando você reconhece, não tem como criar desculpas, é procurar ajuda, procurar AA (J.R, integrante do AA).

Essa conscientização não se limita à aceitação da doença, mas estende-se a um trabalho contínuo de reconstrução pessoal. Durante os intervalos das reuniões, muitos membros compartilham como o alcoolismo afetou suas relações familiares, seu respeito próprio e sua autoestima. O esforço coletivo no AA ensina que superar esses desafios exige tempo, empenho e a aceitação das limitações. Essa postura ativa e reflexiva, que busca transformar a própria existência, pode ser entendida como uma "estética da existência", um conceito inspirado nas ideias gregas e romanas de cuidado de si. Como destaca Ventura (2008, p. 65), “a estética da existência, sob o signo do cuidado de si e da transformação da existência em uma espécie de exercício permanente, define os critérios estéticos e também éticos do bem viver.”

No AA, essa estética é vivenciada no compromisso com a sobriedade, no reconhecimento das falhas e na busca constante de mudança e reinvenção. A comunidade oferece um espaço para que os indivíduos se tornem artesãos de suas próprias vidas, criando uma existência autônoma e consciente. Essas práticas reafirmam a importância da coletividade, ao mesmo tempo em que destacam o papel de cada indivíduo na construção de um estilo de vida baseado no cuidado de si, na ética e na transformação pessoal.

A conscientização que ocorre nos grupos de apoio do AA vai além de uma simples tomada de consciência sobre o alcoolismo, a doença, e a busca individual pela recuperação. Como explicitado no preâmbulo lido em todas as reuniões: “Nosso propósito primordial é mantermo-nos sóbrios e ajudar outros alcoólicos a alcançarem a sobriedade” (Anônimos,

2004, p. 4). Esse propósito evidencia que a manutenção da sobriedade individual está intrinsecamente ligada à ajuda mútua e às ações coletivas realizadas no grupo.

Os depoimentos dos membros reforçam essa visão coletiva. Nas palavras de seu R., membro do AA há 10 anos: “No AA eu aprendi a ser gente, aprendi a ser útil, porque eu não existo só”. Durante as reuniões observadas, seu R. se destacou não apenas pela presença, mas também pela sua prática de serviço: chegava cedo para lavar o banheiro da sala, além de assumir outras responsabilidades dentro do grupo. Ele relatou que essas ações eram resultado de um aprendizado no AA, que o ensinou o valor da ajuda mútua e da coletividade. Como destacou, sua recuperação e sobriedade só foram possíveis porque contou com o apoio de outros, algo que ele não havia conseguido alcançar sozinho.

Embora o AA não apresente explicitamente o caráter político da práxis pedagógica de Freire, o conceito pode ser tomado emprestado devido à proximidade de princípios. O AA, desde sua criação, promove uma transformação que não se limita ao indivíduo, mas se estende às famílias e comunidades dos membros. Essa transformação social ocorre paralelamente ao objetivo principal da irmandade, reintegrando os membros à vida em sociedade. Essa reintegração é alcançada por meio de práticas coletivas e comunitárias, que refletem uma práxis orientada pela ação e pela reflexão.

Assim, o trabalho desenvolvido no AA exemplifica como práticas educativas em contextos de educação não formal podem gerar impactos profundos. Através de ações como o compartilhamento de vivências, o aprendizado pela escuta e o serviço comunitário, o AA promove uma educação para a sobriedade que transforma vidas, reafirmando a força da coletividade como ferramenta para mudanças significativas.

4.4 “Aqui o remédio é pelo ouvido”

Nos grupos de apoio do AA, a prática de narrar e ouvir desempenha um papel central na dinâmica da irmandade. A frase “Aqui o remédio é pelo ouvido”, dita por diferentes membros nos três grupos observados, ressalta a importância do ouvir como ferramenta de recuperação. A cada reunião, os membros narram suas histórias e compartilham suas trajetórias de sobriedade com os companheiros de irmandade. Nesse processo, ao narrar e ouvir, eles reforçam o propósito do grupo, os princípios que os regem e fortalecem o senso de pertencimento e unidade.

Segundo o filósofo Byung-Chul Han, uma comunidade narrativa é aquela formada por indivíduos conectados por histórias, tradições e experiências compartilhadas. Para Han, “Narrar e escutar se condicionam mutuamente. A comunidade narrativa é uma *comunidade de ouvintes atentos*. Uma atenção especial é inerente à escuta cuidadosa. Quem escuta atentamente, esquece de si mesmo e se afunda naquilo que escuta” (Han, 2023, p.25-26, grifo do autor). O autor argumenta que a narrativa é fundamental para construir vínculos sociais e constituir identidades coletivas. Essa forma de vínculo é essencialmente relacional, baseada na escuta, na troca e no pertencimento.

No contexto do AA, essa perspectiva de Han encontra eco. A trajetória em busca da sobriedade inclui a adoção do programa dos 12 Passos e a participação nas reuniões de recuperação, onde os membros reconhecem o papel de narrar suas experiências e ouvir os depoimentos dos companheiros como ferramentas indispensáveis em suas buscas. Assim, o ato de narrar e ouvir não é apenas uma prática terapêutica, mas também um mecanismo que promove vínculos, reforça os princípios da irmandade e impulsiona a transformação pessoal e coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu compreender os pilares que orientam a busca pela sobriedade no contexto do AA: a unidade de ação, a importância do trabalho coletivo, o compromisso com a recuperação como objetivo central e o serviço prestado à irmandade conforme as possibilidades de cada membro. Esses aspectos não apenas sustentam a prática formativa do grupo, mas também promovem uma aprendizagem baseada no autoconhecimento, levando os indivíduos a se perceberem como sujeitos ativos de sua própria recuperação. Nesse sentido, o AA evidencia um ato emancipatório, que possibilita a superação do alcoolismo por meio de uma transformação consciente de si mesmo (Freire, 1981).

A forma como o AA organiza suas práticas e o impacto que essas ações têm na vida dos seus membros reforçam a importância da educação não formal, conforme apontado por Gohn (2006). As práticas do AA integram e potencializam os indivíduos, proporcionando uma educação para a sobriedade que combina reflexões individuais e dinâmicas coletivas.

Um dos principais desafios ao observar esse espaço foi o exercício de parar, ouvir e observar. À primeira vista, pode parecer difícil identificar práticas pedagógicas em um contexto tão distinto, especialmente quando se tenta catalogá-las de forma tradicional.

Contudo, a educação não formal possui um tempo e uma dinâmica próprios, que nos ensinam também a pausar e a refletir. Essa evolução no entendimento permitiu perceber que o trabalho do AA segue uma lógica estruturada, fruto de décadas de experiência acumulada por milhares de pessoas ao redor do mundo. Essa estrutura possibilita que os membros se eduquem continuamente para a sobriedade, a partir da convivência em comunidade.

As vivências compartilhadas nos grupos revelam elementos profundos, muitas vezes ignorados em contextos educativos convencionais, mas que configuram uma experiência formativa singular. O AA, ao trabalhar com narrativas pessoais e coletivas, oferece oportunidades para que seus membros desenvolvam habilidades de autogestão, mediação de conflitos e resiliência emocional. Essa prática, relatada por diversos membros, é um exercício constante de reflexão e ação, que parte do individual para o coletivo, mas sempre retorna ao sujeito como protagonista de sua transformação.

Por fim, vivenciar e estudar as práticas do AA representa uma rica oportunidade para pesquisadores e estudantes das ciências da educação. A experiência não só amplia a compreensão sobre a educação não formal, mas também destaca o valor de práticas educativas que promovem autonomia, solidariedade e transformação pessoal, mostrando que a pedagogia pode ir muito além dos espaços tradicionais de ensino.

REFERÊNCIAS

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. **Alcoólicos Anônimos**. Tradução de JUNAAB. 4. ed. São Paulo: Alcoólicos Anônimos do Brasil, 2001.

HAN, Byung.-Chul. **A crise da narração**. Editora Vozes, Petrópolis, RJ. 2023.

COSTA, J. A. da C. J. Interfaces entre a filosofia dos doze passos aplicados nas salas de alcoólicos anônimos do Brasil e de Portugal e alguns estudos teóricos da educação. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 469–494, 2019. DOI:10.34019/2447-5246.2019.v23.26046. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/26046>>. Acesso em: 17 ago. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1987. p.52

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5^a ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.149 p.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: aval. pol. públ. educ.* [online]. 2006, vol.14, n.50, pp.27-38. ISSN 0104-4036.

GOHN, M. G. Educação não formal nas instituições sociais. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 18, n. 39, p. 59-75, set./dez. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v18i39.3615>

LIMA, M. S. L., & PIMENTA, S. G. (2006). **Estágio e docência**: diferentes concepções. *Poiesis pedagógica*, 3 (3 e 4), 5-24.

LUCK, Heloísa. A evolução da gestão educacional, a partir de mudança pragmática. **Revista Gestão em Rede**, no. 03, nov, 1997, p. 13-18.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**/Daniel Augusto Moreira. -- São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

PAULA, Lucimara Cristina de. Contribuições da práxis histórica de Paulo Freire às pesquisas e propostas sobre educação contínua de educadores(as). In: **Cadernos de Pesquisa: Pensamento eduCaCional**, Curitiba, v. 12, n. 30, P.57-73 jan./abr. 2017. Disponível em <http://www.utp.br/cadernos_de_pesquisa/>

PEREIRA, Antônio. Os sujeitos da EJA e da educação social: as pessoas em situação de vulnerabilidade social. In: **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista - Bahia - Brasil, v. 15, n. 31, p. 273-294, jan./mar. 2019.

VENTURA, Rodrigo Cardoso. A estética da existência: Foucault e psicanálise. *Cogito*, Salvador, v. 9, p. 64-66, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792008000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 out. 2023

VIVÊNCIA, **Revista Brasileira de Alcoólicos Anônimos**. Ano 27- Número 6. Novembro-Dezembro/2012. Edição nº 140.